

Projeto Viva a Agroecologia em São Paulo

Apoio:



Realização:



Editorial

Projeto Piloto em escola municipal em São Paulo inova ao abordar agroecologia!

O tema é abordado por meio da introdução das Plantas Alimentícias Não Convencionais – PANC na Horta e na Alimentação Escolar.

Por Susana Prizendt C. P. C. A. P. V. e MUDA-SP

Um projeto pioneiro está sendo desenvolvido na escola municipal “Desembargador Amorim Lima”, no Butantã, em São Paulo.

O projeto **Viva a Agroecologia em São Paulo**, tem o objetivo de avaliar a introdução das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) na horta e no enriquecimento complementar da alimentação escolar, como preconiza o plano de ação da regulamentação da Lei nº 16.140/2015 (saiba mais [aqui](#).) e o Plano Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional. O projeto promove a integração de alunos, pais, professores e profissionais da área ambiental e surgiu a partir da iniciativa do Movimento Urbano de Agroecologia de SP, MUDA-SP em parceria com o Instituto Kairós, contando com o apoio da EMEF Desembargador Amorim Lima, da sua Comissão CHAS que cuida da horta na escola, e da Associação RAS (um coletivo de permacultura urbana que atua na Zona Oeste). Ele foi viabilizado pela operacionalização de recurso de emenda parlamentar, pela Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente (SVMA), que acompanha e fiscaliza as atividades e resultados obtidos. O projeto também tem sido acompanhado pela Diretoria Regional de Ensino do Butantã.

As PANC são plantas que podem ser consumidas, mas que não são utilizadas na alimentação cotidiana, principalmente por desconhecimento deste potencial.

Para tanto, o Projeto prevê o plantio de PANC na Horta da Escola e criação de novos canteiros com mudas de PANC a implantação de composteira e de sistema de captação de água da chuva, entre outras. Essas são ações que já estão sendo desenvolvidas no local, em conjunto com funcionários, alunos, pais de alunos e integrantes de coletivos da região.



FOTOS 1 e 2. Colheita de algumas PANC na Horta da Escola e preparação de novos canteiros para o plantio de outras PANC.



O projeto também envolve a organização de oficinas de culinária para merendeiras; atividades de educação ambiental para as crianças; comunicação em temas agroecológicos; publicação de cartilhas e formação de biblioteca. Nas fotos à esquerda, Oficina Culinária com PANC.



Iniciado em outubro, o projeto já está inspirando novas iniciativas. Para exemplificar, pode-se citar que a execução do Projeto tem tido papel importante na articulação de uma rede de atores locais, que tem se interessado pela temática e buscado apoiar e construir novas ideias nesse sentido: outras escolas da região tem acompanhado e contribuído com o Projeto; coletivos tem se juntado a ideia e pensado em ações e projetos para que o Projeto seja replicado em outras escolas, principalmente no que tange à produção de mudas; a partir do Projeto várias articulações com órgão da Prefeitura de São Paulo tem sido suscitadas, permitindo o diálogo para fortalecimento das políticas públicas na temática e a proposição de novas ações.

Num contexto em que nossa sociedade é baseada em uma estrutura na qual as crianças passam ao menos um período do dia em escolas e, cada vez mais, as mulheres trabalham fora de casa, deixando seus filhos (até mesmo bebês) aos cuidados de educadores, que deverão fornecer para eles um conjunto de conteúdos que permita que se desenvolvam de modo saudável e possam exercer plenamente sua cidadania. Nesse sentido, o ambiente escolar tem grande importância no desenvolvimento social da criança, o que não se dá apenas em relação à formação teórica que seus alunos (futuros profissionais e cidadãos) adquirem no processo de aprendizado, mas também na esfera da saúde pública, da criação de uma identidade cultural e das relações com a natureza.

É nesse contexto, que a agroecologia deve ser uma importante aliada no processo educacional, por meio de Projetos e ações como essa que vem sendo realizada. As Escolas tem que ser capazes de gerar um ambiente saudável, em que toda a comunidade possa ser acolhida, participando de atividades práticas e experienciando um convívio mais intenso entre seus integrantes e com os elementos naturais que são fatores preciosos para a conquista de uma sociedade mais harmônica.

Desde o fornecimento de uma alimentação de qualidade na alimentação escolar (o que possibilita o desenvolvimento físico e cognitivo das crianças), até a realização de vivências em que seja possível desenvolver a compreensão dos ciclos que compõem a vida e como agir favoravelmente a eles, no dia a dia, a introdução de práticas agroecológicas nas escolas é um caminho imensamente rico que pode ser percorrido através de políticas públicas adequadas às realidades locais.

Esse Projeto vem colaborar na abertura de portas para que as escolas públicas possam se tornar espaços vitais para a conquista de uma sociedade mais saudável e solidária!

Já Mudou!

Novidades no mundo das cartilhas digitais para ampliar nossos saberes!

Por Ana Maria Salomão C. P. C. A. P. V.

Quem curte culinária, cultivo e biodiversidade pode comemorar! Seleccionamos 3 novos guias que foram publicados nos últimos meses e trazem muitas informações sobre esses temas tão caros. É só baixar as versões digitais e saborear a leitura!

O [Guia Prático de PANC](#)- Plantas Alimentícias Não Convencionais, elaborado pelos nossos parceiros do Instituto Kairós, nos presenteia com as PANC mais adequadas para a agricultura urbana, ressaltando as espécies nutritivas e saborosas, especiais para uma alimentação mais saudável.

Já o [Guia Técnico de Restauração Ecológica com Sistemas Florestais](#), apresenta 130 espécies importantes para restauração de áreas degradadas. São sugestões baseadas em 19 experiências bem sucedidas de sistemas agroflorestais. Focando nos biomas Cerrado e Caatinga, sua metodologia pode, entretanto, ser aplicada em outras regiões brasileiras.

Finalmente, o [Manual de Etnobotânica](#), demonstra que o entendimento mútuo entre a comunidade científica e as comunidades indígenas pode trazer: um conhecimento mais rico sobre a biodiversidade e o fortalecimento das práticas dos povos indígenas da região amazônica. Trata-se de uma pesquisa científica que se apoia em dados e objetos coletados, no século XIX, pelo botânico inglês Richard Spruce sobre o Alto Rio Negro. São 14 mil espécies de plantas secas no herbário virtual e 350 artefatos etnobotânicos, que estiveram guardados na Inglaterra há cerca de 150 anos.

Além disso, em breve teremos mais novidades no mundo das cartilhas! O Projeto “Viva a Agroecologia em São Paulo” terá como um de seus produtos a criação de uma Cartilha de Culinária com PANC, que contará com saborosas receitas e irá auxiliar na inserção das PANC na Alimentação Escolar e também nas casas das famílias brasileiras.

Ficou curioso(a)? Aguardem que em breve traremos essa maravilha até vocês!

Vamos Mudar?

Ambientes alimentares saudáveis para garantir uma alimentação adequada

Por Mariana Garcia – Idec – Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor

Todos sabemos da importância da adoção de hábitos alimentares mais saudáveis e sustentáveis, mas, infelizmente, essa ainda não é a opção mais fácil para a maioria das pessoas. Além da dificuldade econômica, barreiras físicas atrapalham a jornada de quem deseja comer bem.

Vivemos em ambientes que geralmente não são favoráveis às melhores escolhas alimentares, como as escolas, as cidades, os ambientes de trabalho, os espaços públicos, etc. Os alimentos menos saudáveis, como os ultraprocessados são, muitas vezes, mais baratos, acessíveis e disponíveis do que os alimentos in natura e minimamente processados, além de contarem com grandes investimentos em publicidade para sua promoção.

Entendemos que pressionar a indústria e o governo a adotar políticas que induzam mudanças no mercado é fundamental para que este cenário mude. Defendemos, por exemplo, informação nutricional mais clara e simples nos rótulos dos produtos. Os rótulos não revelam claramente para o consumidor os níveis de açúcar, gordura e sódio, por exemplo. Além disso, alegações publicitárias, como “100% natural”, “integral”, “rico em vitaminas e minerais”, confundem ainda mais o consumidor e o levam a uma interpretação equivocada das características dos produtos.

Melhorar a regulamentação da publicidade de alimentos, principalmente para crianças, também é foco do nosso trabalho. Hoje, temos a presença de personagens, distribuição de brindes com produtos, propaganda na TV durante a programação infantil, e diversas outras práticas que acabam influenciando muito o desejo das crianças pelos alimentos ultraprocessados, como salgadinhos, biscoitos, achocolatados, entre outros.

Esses dois exemplos revelam como nossas escolhas são influenciadas pelo ambiente no qual estamos inseridos, fortemente manipulado pelas práticas das indústrias de produtos ultraprocessados. Políticas públicas capazes de equilibrar essa relação entre os consumidores e as empresas são fundamentais, para que os consumidores possam exercer seu direito à informação e a escolhas mais conscientes.

Hoje, o Idec conta com diversas ações neste sentido e, por isso, convidamos todos a conhecer mais sobre o trabalho do [programa de alimentação](#) e juntar-se a nós nessa luta!

Cuidado: veneno!

União mundial contra o novo veneno da Monsanto, assine a petição!

Por Benjamin Prizendt C. P. C. A. P. V.

A sessão “Cuidado Veneno” deste mês comemora uma importante mobilização, realizada através de uma [petição pela Avaaz, contra a Monsanto e seu super veneno “dicamba”](#). Esse veneno se espalha pelo ar e mata as plantações dos terrenos vizinhos em seu caminho, exceto aquelas que usam as sementes transgênicas deles!

Afetados por esse veneno, mais de 1.000 fazendeiros mobilizaram-se para solicitar seu banimento definitivo pelas autoridades de Arkansas (um estado nos EUA que pode finalmente bani-lo).

Como a maioria das multinacionais, corporações que acertadamente são taxadas de psicopatas (1), por seu descompromisso com as pessoas e o meio ambiente, a Monsanto tem se esmerado em criar e espalhar seus venenos e sementes transgênicas resistentes a eles. Aufere, assim, lucros monumentais e, ao mesmo tempo, vai aumentando seu controle sobre nossa comida, as condições de vida dos agricultores quanto à sua saúde e sustentabilidade econômica, e as condições ambientais do planeta no que resta ainda de seus espaços agrícolas.

A petição da Avaaz, que já ultrapassou a marca de um milhão de assinaturas, deve ser encarada como um marco nas mobilizações contra a Monsanto e seus perigosos agrotóxicos. As assinaturas não param de chegar de todas as partes do mundo, numa clara demonstração de que há uma consciência crescente e mundial, de que é necessário parar o envenenamento de nossa comida e garantir o espaço da agricultura orgânica.

O dicamba é considerado um substituto do glifosato, que já perdeu seu efeito, uma vez que as ervas desenvolveram resistência a ele. Tal como ocorre com os antibióticos, a seleção natural propicia a sobrevivência e multiplicação dos mais resistentes e são necessárias drogas, venenos cada vez mais fortes e de maior letalidade. É a prova de que a abordagem “de guerra” não é capaz de enfrentar os meandros da biodiversidade, cuidadosamente elaborada pela natureza ao longo dos milhões de anos de existência da vida neste planeta.

A agricultura agroecológica apresenta, assim, a solução para o convívio harmônico entre nós, seres humanos, e todas as outras entidades que compõem o meio ambiente e partilham de seus recursos. É dessa forma que crescem suas iniciativas, apesar da pressão econômica crescente das multinacionais das sementes e dos venenos. Lutar contra mais essa aberração da Monsanto, barrando-a no Arkansas, é uma antecipação do que teremos que, arduamente, repetir em nosso país que se tornou o local de despejos de agrotóxicos, banidos nos mais diferentes países do mundo. Para saber mais sobre o que é possível fazer no Brasil, consulte a plataforma www.chegadeagrototoxicos.org.br e se junte às organizações que já estão mobilizadas no combate ao envenenamento de nosso país!

1- A Corporação, livro de Joel Bakan, que demonstra o poder que as multinacionais adquiriram e seu desligamento ético quanto ao impacto de suas atividades.